



UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE MOTRICIDADE HUMANA



Relatório final de Estágio realizado na Escola Secundária de Mem Martins, com vista à
obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e
Secundário

Orientador(a) da Faculdade:
Dr. Gonçalo Tavares

Fábio Miguel Lourenço Gomes
2017



UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE MOTRICIDADE HUMANA



Relatório final de Estágio realizado na Escola Secundária de Mem Martins, com vista à
obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e
Secundário

Este relatório foi produzido com base na experiência do Estágio Pedagógico em
Educação Física desenvolvido na Escola Secundária de Mem Martins sob a
supervisão do Dr. Gonçalo Tavares e do Dr. Lineu Oliveira no ano letivo de 2016/2017.

Fábio Miguel Lourenço Gomes
2017

“O ensino deve ser de modo a fazer sentir
aos alunos que aquilo que se lhes ensina é
uma dádiva preciosa e não uma
amarga obrigação.”

Albert Einstein

Agradecimentos

A conceção deste trabalho não teria sido possível sem o auxílio do orientador, Lineu Oliveira que contribuiu para a sua realização, através da documentação disponibilizada, bem como das reuniões periódicas que permitiram aferir o desenvolvimento do meu estágio. Também agradecer ao orientador da faculdade, Gonçalo Tavares, que me orientou durante a realização da área 2 e na realização deste documento.

Agradecer também à minha família, por o apoio que me deram ao longo deste período difícil, tendo me ajudado a superar os momentos mais difíceis.

A todos os professores da escola que me acolheu, que sempre se disponibilizaram a me apoiarem em todos os projetos que desenvolvi no núcleo de educação física.

As professoras, Celeste Mendes e a Sandra Florentino, por o apoio prestado no desenvolvimento da área 3 e 4.

Aos meus amigos, que me ajudaram a superar as saudades de casa.

Finalmente agradecer também aos alunos do 9º C, turma à qual lecionei as aulas do estágio, mas também ao 9º B turma que coadjuvava com o professor Lineu.

Resumo

O relatório presente, referente ao Estágio Pedagógico realizado na Escola Secundária de Mem Martins, demonstra uma reflexão crítica sobre as práticas estabelecidas durante o ano letivo de 2016/2017.

Ao longo deste ano, deu-se uma transição de aluno para professor, transição esta que foi supervisionada pelos orientadores de escola e faculdade e que culmina com a minha afirmação como docente.

Numa primeira instância, será explicado de forma reflexiva e crítica, o processo das aulas de Educação Física; o planeamento, avaliação e a condução das aulas.

De seguida abordarei, a área da investigação e inovação, a área da participação na escola e da relação com a comunidade; onde estará incluído a investigação que realizei ao longo do ano letivo, o trabalho desenvolvido no Desporto Escolar e na Direção de Turma.

Esta experiência, levou à aquisição de competências através da colocação em prática dos conhecimentos adquiridos nos anos transatos, assim como através da partilha de experiências entre o núcleo de Educação Física, onde incluo o estudo autónomo e as intervenções dos orientadores.

Acabo, afirmando que o Estágio Pedagógico, define-se como o momento mais importante no desenvolvimento de competências profissionais, e que é sem dúvida um marco no meu desenvolvimento pessoal.

Palavras Chave: Educação Física; Estágio Pedagógico; Processo Ensino-Aprendizagem.

Abstract

The present report, referent to the Teacher Training, was made in Escola Secundária de Mem Martins, demonstrate a critic reflex about the practices made during the school year of 2016/2017.

During this year, happen a transition from student to teacher, that transition was monitored by the school and university supervisors, culminated with my affirmation as teacher.

At the begin of this report, will be explained in a reflexive and critic way, the process used in the Physical Education classes; the planning, the evaluation and the classes conduction.

Up next I will approach, the investigation and innovation area, the school participation, and the relation with the community; were it will be included the investigation that I elaborated over of the school year, the work developed in the School Sport Group and in the Class Management.

This experience, led to the acquisition of competences by putting in practice the knowledge acquired in the transacts years, as well as trough of the share of experiences between the Physical Education core, were I include the autonomous study and the supervisor's interventions.

To finish, affirming the Teacher Training, defines itself as the most important moment in the develop as professional competences, and is without of duds a marc in myself development.

Keywords: Student Teaching Process; Physical Education; Teaching Learning Process.

Índice

1.INTRODUÇÃO	1
2.Caracterização do Contexto.....	2
2.1Escola	2
2.2O grupo de educação física.....	3
2.3 Turma.....	5
3.Análise do Processo Formativo.....	6
3.1 Área 1- Organização e Gestão do Ensino Aprendizagem.....	6
4.Projeto de Investigação Ação.....	16
4.1 Área 2- Inovação e Investigação Pedagógica.....	16
5.Participação na Comunidade Escolar	18
5.1 Área 3- Desporto Escolar	18
5.2 Prova de Foto-Orientação	22
6.Relação com a Comunidade	22
7.Conclusão.....	23
8.Bibliografia	26

Índice de Figuras

Figura 1 Planeamento Anual	9
Figura 2 Semana a Tempo Inteiro	13
Figura 3 Horário dos Treinos de Orientação	19

Lista de Abreviaturas

ESMM – Escola Secundária de Mem Martins;

EMAM – Escola Maria Alberta Menéres;

AEMM – Agrupamento de Escola de Mem Martins;

EF – Educação Física;

NE – Núcleo de Estágio;

GEF – Grupo de Educação Física;

DT – Diretor de Turma;

AI – Avaliação Inicial;

PAT – Plano Anual de Turma;

UE – Unidade de Ensino;

PNEF – Programa Nacional de Educação Física

NI – Não Introdutório;

PI – Parte Introdutório;

I – Introdutório;

PE – Parte Elementar;

E – Elementar;

PA – Parte Avançado;

A – Avançado;

DE – Desporto escolar;

1. INTRODUÇÃO

O relatório aqui apresentado, foi construído de forma a relatar, analisar e refletir sobre as experiências de lecionação e participação na escola, experiências estas vividas enquanto docente, na Escola Secundária de Mem Martins, no ano letivo de 2016/2017.

Segundo, Carreiro da Costa (1996), a formação inicial é a fase em que o futuro professor de Educação Física adquire os conhecimentos e as competências necessárias para enfrentar adequadamente a carreira de docente. Fica assim claro que a formação inicial do professor estagiário, é um ponto fundamental para o início do estágio pedagógico, e da carreira de docente.

Num primeiro momento, do presente relatório, irei realizar a contextualização e caracterização da escola na qual efetuei o estágio pedagógico, Escola Secundária de Mem Martins.

De seguida, irá ser tratada a primeira área- organização e gestão do ensino-aprendizagem fazendo uma relação entre as suas três subáreas, planeamento, condução de ensino e a avaliação.

Posteriormente, abordarei a área de participação na comunidade escolar, através de todas as atividades elaboradas ao longo do ano, com o apoio do núcleo de desporto escolar de Orientação, a organização da prova de Fotorientação, e a participação em todos os eventos organizados pelo núcleo de Educação Física.

Numa terceira instância, irá ser tratada a área de investigação e inovação pedagógica através da apresentação do estudo por mim desenvolvido. Análise da Perceção dos Alunos Sobre a Avaliação Formativa.

Finalmente, analisarei a área da relação com a comunidade através da coadjuvação na direção de turma, apresentando os resultados da análise sociociométrica, e o trabalho desenvolvido com a Diretora de turma, na relação com os encarregados de educação e com os alunos.

2. Caracterização do Contexto

2.1 Escola

A Escola Secundária de Mem Martins, situa-se na freguesia de Rio de Mouro, concelho de Sintra, é a escola sede do Agrupamento de Escolas de Mem Martins AEMM. Assim sendo as escolas que constituem o AEMM são a Escola Básica 2,3 Maria Alberta Meneses, a Escola Básica nº2 de Mem Martins (Escola Piloto) e ainda a Escola Básica nº1/JI da Serra das Minas.

As proximidades geográficas entre as comunidades escolares do agrupamento têm como objetivo a promoção de uma ligação concetual bem como a interiorização de valores comuns, como é citado num excerto do documento do Projeto de Intervenção da Diretora (2013):

“O Projeto Educativo deverá ser dinâmico, promovendo o agrupamento com um “corpo”, uma unidade, o que mobilizará continuamente a comunidade em volta da missão, visão e valores partilhados e de um plano estratégico assumido por todos numa escola autónoma, num espaço de autorrealização, de inovação e de boas práticas.” (p.4)

Segundo os censos 2011, na análise ao grau de escolaridade e dos setores profissionais predominantes, a comunidade circundante às escolas é uma população heterogénea e de estatuto socioeconómico médio-baixo. Para colmatar esta heterogenia da população, o AEMM, tenta ter um papel importante na oferta educativa, cultural e desportiva. Na oferta educativa procura-se ajudar nas necessidades da comunidade, desde a educação pré-escolar ao 12º ano de escolaridade. Através da definição dos percursos de estudo que correspondam às expectativas dos alunos e do meio envolvente, no 3º ciclo, a par do ensino regular, são também lecionados cursos vocacionais. Já no ensino secundário, embora a grande maioria da oferta esteja centrada nos cursos de ensino regular, que visam o prosseguimento de estudos, são ministrados também cursos profissionais na área dos serviços, que, de acordo como o PEA (2016) pretendem dar respostas às necessidades visíveis pela implantação de várias indústrias nos diversos parques empresariais do concelho. Para manter a estreita ligação entre a escola e o mercado de trabalho, o agrupamento, na vertente dos cursos profissionais ao nível do ensino secundário tem ofertas formativas nas áreas dos transportes, armazenagem/logística e comunicações, informática e novas tecnologias da informação e comunicação; construção civil, metalomecânica, indústria química e farmacêutica, indústria gráfica, indústria transformadora de mármore e rochas ornamentais e grandes superfícies comerciais.

É importante realçar o empenho e disponibilidade empregada por o AEMM disponibilizar uma diversificada oferta educativa, pois assim é possível responder às diferentes singularidades de todas as crianças e adolescentes que são oriundos de contextos económicos diferentes, podendo assim desenvolver e potencializar as capacidades e competências de cada aluno.

Já no que se refere ao âmbito desportivo, o AEMM oferece um grande leque de escolha nos núcleos de DE, parcerias com clubes dentro da proximidade geográfica e o aluguer de espaços e material desportivo. Esta cedência de espaços e material tem como objetivo a ocupação de tempos livres por parte das crianças e adolescentes pertencentes à comunidade escolar, uma vez que ocorrem com frequência comportamentos desviantes nos adolescentes, como por exemplo o consumo de drogas e tabaco, assim a prática desportiva representa um comportamento alternativo.

Importa realçar os espaços destinados à prática de atividade física da disciplina de EF, num total de 5 espaços distintos: 2 espaços exteriores, campo sintético e campo de multiusos exterior; 3 espaços interiores, pavilhão multiusos coberto, pavilhão multiusos semicoberto e um ginásio. De realçar ainda que todos os espaços são compostos por diversos materiais de qualidade.

Esta grande diversidade de material e de espaços destinados às aulas de EF permitiu que o desenvolvimento das aulas lecionadas durante o estágio pedagógico fossem muito ricas na diversidade bem como na qualidade do ensino.

2.2 O grupo de educação física

O subdepartamento de EF do AEMM foi constituído pelos professores da disciplina na EMAM e da ESMM. Neste subdepartamento existe uma coordenação do 2º e 3º ciclo de escolaridade, por parte de uma coordenadora do GEF da EMAM, e do ensino secundário, por parte de uma outra coordenadora do GEF da ESMM. O GEF das duas escolas é composto por professores com uma vasta experiência na leção da disciplina, o que facilitou em alguns processos no que respeita a tomada de decisões e na procura de soluções para os problemas existentes. A meu ver, estes dois núcleos, reuniram-se as vezes necessárias, havendo muitos momentos para a partilha de informações, conhecimentos e ideias. Penso que a frequência destes momentos entre os dois subgrupos, foi produtivo, no que diz respeito à resolução dos problemas que existiam entre os dois núcleos, como por exemplo, os professores da ESMM poderem perceber quais as necessidades

relativas ao plano curricular dos alunos provenientes do ensino básico, e deste modo conseguiram corrigir ou reforçar conteúdos após o ingresso no ensino secundário.

Outro momento onde se verificou bastante discussão, e se chegou a um consenso, foi na uniformização de processos nomeadamente no que respeita a avaliação formativa e na avaliação dos conhecimentos. O subgrupo da EMAM, começou a utilizar as mesmas estratégias no momento da avaliação formativa, que posteriormente serão explicitadas, e na área dos conhecimentos, contudo nesta área os alunos da minha turma revelaram que nunca tinham sido avaliados, através de um teste escrito, pelo que foi sugerido por mim que iniciassem esse processo no subgrupo da EMAM.

Reforçando Costa, Onofre, Martins, Marques e Martins (2012), o trabalho coletivo desenvolvido pelo GEF assume-se como um fator determinante no sucesso dos alunos através do desenvolvimento profissional contextualizado. Posto isto, e fazendo uma análise retrospectiva, penso que poderia ter uma voz mais ativa, quando foram feitas as reuniões de departamento, no intuito de solucionar os problemas anteriormente mencionados, pois estes problemas foram somente debatidos durante as reuniões do NE. O GEF da ESMM, no qual o NE esteve inserido, era constituído por doze professores e um professor estagiário da Faculdade de Motricidade Humana (FMH). Dentro deste grupo existiram diversas funções a cargo de outros elementos do grupo, funções de coordenação do DE, acompanhamento de grupo-equipas do DE, direção de instalações e funções de direção de turma. Este conjunto de funções variadas a desempenhar pelos diferentes professores é defendido por Brás e Monteiro (1998), destaca como positivo o envolvimento dos professores em cargos de coordenação, direção de turma e órgãos de gestão potenciando a afirmação do grupo na instituição escolar.

No que respeita a criação de documentos orientadores para a lecionação da disciplina de EF, eu enquanto estagiário tive facilitado esse processo, pois foi elaborado um documento por os estagiários dos anos anteriores, PADEF, tendo apenas sofrido algumas alterações no que respeitou a matéria de atletismo na área das atividades físicas. Este documento regulador aplicado pelo GEF da ESMM é baseado no documento orientador PNEF.

No que se refere ao NE a que pertenci durante a realização do estágio pedagógico, este foi constituído por dois professores estagiários e dois orientadores, um a nível de escola e outro a nível académico. Quanto ao trabalho entre pares, como realizei o estágio sozinho, tive de o desenvolver com os meus colegas do GEF, com os quais, foi promovida uma excelente interação, naquelas que são as matérias fortes

de cada um. Este processo foi feito através de observação de aulas, e conversas com estes.

Quanto ao orientador de escola, o professor Lineu Oliveira, foi um grande alicerce no desenvolvimento deste estágio, pois sem a sua experiência, conhecimento e disponibilidade seria difícil a resolução dos diversos problemas que foram colocados ao longo deste processo. De realçar ainda todo o material tanto a nível didático como documental fornecido para a lecionação das diferentes matérias, e ainda os momentos de discussão e reflexão nos dois momentos de reunião de estágio semanal.

2.3 Turma

A turma do 9ºC era composta inicialmente por 25 alunos (15 raparigas, 10 rapazes; 1 aluno NEES; 2 tutorias; 1 atleta de alta competição), contudo duas alunas foram transferidas para outras turmas no decorrer do primeiro semestre. Os alunos são procedentes da escola Maria Alberta Meneses, que faz parte do agrupamento de escolas de Mem Martins. O aluno NEES tinha uma problemática a nível da perceção espacial, usufruindo assim da medida educativa d), contudo a nível da disciplina de educação física, não se notava qualquer dificuldade por parte do aluno, pelo que a avaliação decorreu através do processo normal.

a. Recursos materiais e espaciais

Para lecionar a disciplina está à disposição dos professores e alunos, um pavilhão, um polidesportivo, um ginásio e dois campos exteriores. No pavilhão central estão à disposição dos alunos seis balneários, três para cada sexo, 2 balneários para os professores, o RASE (espaço de aptidão física), gabinete de professores, assim como duas arrecadações com material de educação física e uma sala para a lecionação de aulas teóricas.

Cada espaço tem uma sigla que os define. Assim, o Pavilhão (P), o polidesportivo (PO), o ginásio (G), e os campos exteriores (C1 e C2). Normalmente durante as aulas todos os espaços estão ocupados sendo que quando está mau tempo torna-se impossível dar aulas nos campos exteriores, neste caso a turma será encaminhada para o RASE, para uma sala de aula, ou para a biblioteca, nestes últimos dois de forma a trabalhar a área de conhecimentos.

Os recursos materiais são bastantes satisfatórios, tanto em quantidade como em qualidade. O professor é o responsável pela utilização de todo o material que necessita na sua aula, o que o torna responsável para que, no final, o material utilizado esteja devidamente arrumado. Apesar de em todas as aulas existirem alunos

responsáveis pelo transporte e arrumação do material, estes não podem estar nas arrecadações do material sem a supervisão do professor.

A escola tem duas arrecadações de materiais. Uma arrecadação fica por baixo das bancadas do pavilhão polivalente, e é aí que se encontra todo o material que pode ser utilizado nesta infraestrutura. A outra arrecadação fica junto à entrada do pavilhão e este material serve para utilizar nos campos exteriores e pavilhão.

3. Análise do Processo Formativo

De todas as tarefas e ações de estágio realizadas, a grande maioria implicava uma relação direta com os alunos, na direção de turma, nas sessões de DE e mais importante na lecionação das aulas de EF.

Esta relação é essencial para o desenvolvimento dos alunos, pois de todos os aspetos que influenciam o envolvimento no contexto escolar, a relação pedagógica entre o professor e o aluno é um fator decisivo, uma vez que as atitudes dos professores influenciam os resultados obtidos pelos alunos, bem como as suas atitudes (Carreiro da Costa, 1988).

3.1 Área 1- Organização e Gestão do Ensino Aprendizagem

Começando num ponto vista macro do planeamento, o PAT foi estratificado por etapas durante o ano letivo, 1ª etapa de AI, 2ª etapa de aprendizagem, 3ª etapa de desenvolvimento e 4ª e última etapa de consolidação. Estas etapas estão definidas através do final de cada período letivo, em que a 1ª etapa está calendarizada para as seis primeiras semanas de aulas, a 2ª etapa até ao final do primeiro período letivo, a 3ª etapa até ao final do 2º período e a 4ª etapa até ao final do 3º período e final de ano letivo.

3.1.1 Avaliação Inicial

Como mencionado no parágrafo acima, a 1ª etapa corresponde à AI, que tem como objetivos conhecer os alunos no contexto da disciplina de EF; a criação de rotinas de organização, normas de funcionamento das aulas, bem como criar logo à partida um bom clima de aula entre todos os intervenientes, professor-aluno, aluno-professor e aluno-aluno; avaliar o nível de desempenho dos alunos nas diferentes matérias da disciplina; definir matérias prioritárias; identificar alunos críticos nas diferentes matérias. Reforçando com a ideia de Rosado (2003) que defende que a AI permite também "identificar o nível inicial de cada turma e de cada aluno em particular relativamente ao nível em que se encontram".

No início da 1ª etapa de formação, as minhas maiores preocupações estavam relacionadas com as tarefas de planeamento, centrando-se na elaboração dos

diversos documentos relacionados com as competências de planificação e estruturação de todo o processo de ensino-aprendizagem.

No que diz respeito, à 1ª etapa- Avaliação Inicial, realizei um planeamento tendo por base o protocolo de avaliação inicial, já existente na escola, regendo-me ainda pelo *roulement* definido no início do ano letivo, pelo grupo de Educação Física.

Durante esta etapa, senti algumas dificuldades na recolha de informações sobre os níveis dos alunos e na definição dos critérios de observação em determinadas matérias. Estas dificuldades, foram sendo colmatadas através de estudo autónomo, dos critérios e indicadores nas matérias que não me sentia tão à vontade.

O planeamento realizado, pretendia a avaliação inicial de todas as modalidades que estão presentes nos programas nacionais de educação física. O objetivo foi concretizado, conseguindo alcançar o diagnóstico do nível inicial da turma, conseguindo também a partir de aqui criar os grupos de níveis, de uma forma homogénea, o que levou também a alcançar o nível prognóstico de cada aluno para o desenrolar do ano letivo.

Esta recolha de informações tornou-se igualmente pertinente, de forma a definir estratégias para ir ao encontro do sucesso no processo de ensino-aprendizagem dos alunos. A construção de grupos de nível de acordo com os resultados da avaliação inicial, foram evoluindo positivamente ao longo das etapas, sendo atualizados dados relativos ao desempenho dos alunos, sempre que assim é necessário.

No final desta etapa, os alunos foram então confrontados com os seus níveis de desempenho das matérias, (diagnóstico) – (NI), (PI), I, (PE), E, (PA) e A – e com as suas possibilidades de desenvolvimento nas mesmas (prognóstico) – através dos objetivos traçados entre o professor e os alunos –, em função das suas capacidades e necessidades dos mesmos.

Para avaliar o nível de desempenho dos alunos foram utilizadas fichas de registo definidas pelo GEF. No meu ponto de vista, considero que estas fichas de observação são grandes auxiliares para a avaliação do desempenho dos alunos, mas inicialmente tive alguma dificuldade em conseguir conciliar a observação de imensos indicadores, com todos os aspetos relacionados com a organização e condução de aula, com uma turma de 23 alunos. Assim, considero que seria benéfico reduzir o número de indicadores a avaliar nestas fichas de observação de modo a facilitar todo este processo.

Quanto à AI da área da aptidão física foi realizada segundo o PADEF e o PAI, através da bateria de testes do *Fitnessgram*, onde realizaram os testes da milha, extensões de braços, dos abdominais, o teste de flexibilidade senta e alcança, bem como a avaliação da composição corporal.

Quanto à avaliação dos conhecimentos nesta etapa inicial, não foi realizado qualquer tipo de prova pois não está definido nos documentos reguladores da disciplina, que esta seja realizada neste momento de diagnóstico.

Após realizar o balanço da 1ª etapa, através dos dados recolhidos e da consulta dos PNEF, estabeleci objetivos anuais, de etapa, e de unidade de ensino para a turma.

A minha maior dificuldade neste processo, focou-se na definição dos objetivos intermédios, sendo colmatada através de conversas com o meu orientador, que levaram ao meu entendimento sobre como cada aluno poderia evoluir.

Para finalizar, creio que devo melhorar ainda mais a minha forma de observação da aula, e de recolha de dados, de forma a manter os dados atualizados e as avaliações corretas com o nível de cada aluno. Devo também explicar um pouco melhor as competências que cada aluno pode alcançar para melhorar o seu nível.

Com os objetivos já definidos realizei o plano anual de turma e o plano da 2ª etapa, seguindo-os também na realização de cada unidade de ensino construída na etapa de aprendizagem.

3.1.2 Plano anual de turma

Após a realização da AI é necessário haver uma ligação entre este momento e o planeamento. Posto isto poder-se-á assumir que este momento é o começo do PAT, pois através do diagnóstico e prognóstico do desempenho dos alunos realizados na etapa inicial é possível projetar o planeamento das diferentes etapas de aprendizagem ao longo do ano letivo, de modo a os objetivos pedagógicos definidos serem concretizados.

Como se encontra referido no PNEF (2001, pag.23):

“...o princípio de especificidade do plano de turma representa uma opção em que o professor seleciona e aplica processos distintos para que todos os alunos realizem as competências prioritárias das matérias em cada ano, e prossigam em níveis mais aperfeiçoados, consoante as suas possibilidades pessoais.” O PAT tem como grande objetivo adaptar a gestão do currículo ao contexto de turma, definindo estratégias educativas às particularidades da turma, individualizando as especificidades dos alunos. Deve também ser feita uma discriminação dos recursos

materiais e temporais existentes e quais as estratégias definidas para alcançar os objetivos definidos para os alunos.

Penso que no futuro enquanto docente, realizar um documento tão pormenorizado como o PAT será algo difícil de concretizar, pois um professor efetivo terá mais do que uma turma a seu encargo.

3.1.3 Planeamento por etapas

Quando obtive todos os resultados da etapa de AI, comecei então a definir no PAT com os objetivos definidos para cada etapa de ensino. Assim, comecei a delinear o planeamento da 2ª etapa, denominado de aprendizagem, onde se aborda as matérias prioritárias que foram estabelecidas através de um número elevado de níveis NI denotados na AI em cada matéria. Então foi quando comecei a criar a minha 1ª UE. Segundo Jacinto et al. (2001), uma UE corresponde a um conjunto de aulas com objetivos e estrutura idêntica, e dessa forma, fez-se coincidir o final de cada UE com a mudança de espaço.

Inicialmente tive alguma dificuldade na elaboração deste tipo de planeamento, pois nunca tinha trabalhado numa estrutura semelhante, pensando que teria de realizar em todas as sessões, planos de aula como na etapa anterior.

Foi então que após os meus orientadores me explicarem exatamente a operacionalidade e no que consistia o planeamento de uma UE percebi, que deveria definir um aquecimento igual para todas as aulas, que deveria repetir aulas de modo a que houvesse maiores níveis de aprendizagem dos alunos através da repetição de exercícios, o que na minha perspetiva quanto maior fosse a diversidade de exercícios melhor seria para a aprendizagem dos alunos. Na figura 1 é possível verificar o esquema de organização do planeamento anual.

Planos de Aula	1º UE	2º UE	3º UE	4º UE	5º UE	6º UE	7º UE	8º UE	9º UE	10º UE
1ª Etapa Avaliação inicial	2ª Etapa Aprendizagem		3ª Etapa Aprendizagem e desenvolvimento				4ª Etapa Consolidação			
1º Período			2º Período				3º Período			
Plano anual de turma										

Figura 1 Planeamento Anual

Na 2ª etapa, iniciei então com as unidades de ensino, onde em conjunto com o meu orientador, ficou decidido que iríamos criar um dossier de turma em Excel, onde estas seriam incluídas. Foi com algumas dificuldades que fiz a mudança dos planos de aula para as unidades de ensino. Estas inicialmente ficaram bastante mal estruturadas, criando por vezes confusão no decorrer da aula.

De forma a combater estes problemas, e já no decorrer da 3ª etapa, ficou acertado que deveria continuar a realizar as unidades de ensino, mas que tinha de criar um documento de apoio às mesmas, onde vinha tudo especificado, sobre o decorrer da aula. Recomecei também a realizar os planos de aula que me ajudou a perceber quais os erros que eram cometidos nas unidades de ensino, e a entender a organização da turma no espaço, que era um dos pontos mais fracos da minha aula.

Já na 4ª etapa, passei a realizar apenas as unidades de ensino tendo existido uma evolução na realização dos mesmos e na aplicação. Ficou assim claro que a estratégia usada na etapa anterior ajudou a melhorar a realização destes.

No que diz respeito, à subárea, da área 1, condução, foi sem duvida aquela que me criou mais dificuldades, sendo aquela em que mais me foquei.

A turma era nova no contexto escolar, visto que é um nono ano, e que mudaram este ano de escola, e nunca tinham tido contato com um professor estagiário, pelo que existiu um período de adaptação dos alunos a esta nova realidade.

No início senti muitas dificuldades em controlar a turma, por vários motivos, sendo o principal, não perceber quando é que os alunos se enfadaram de realizar o mesmo exercício durante muito tempo. Isto tem vindo a ser o maior problema desde o início, apesar de ter vindo a melhorar, quer por eu conseguir entender quando os alunos já estão fartos de realizar o mesmo exercício, quer pelos mesmos exercícios terem aumentado de dificuldade na terceira etapa.

Também a nível de expressão demonstrei algumas dificuldades, muitas vezes sem saber como me dirigir a turma da forma mais correta, ou mesmo por dificuldades em exprimir o que pretendia.

Assim, ao longo destas quatro etapas foram vários os momentos de auto e hetero reflexão, sobre como deveria ser gerida a aula.

Quanto aos estilos de ensino utilizados durante a primeira e segunda etapa, devo destacar o estilo de ensino de comando e o de tarefa, sendo que na terceira etapa, os alunos já se demonstraram mais disponíveis e muitas vezes o estilo de comando foi substituído pelo conhecimento dos alunos sobre o que deveria ser feito durante as aulas, e assim tornaram-se mais dependentes.

O estilo de ensino por Comando foi utilizado essencialmente nas partes iniciais de cada sessão, tendo sido eu a dirigir, numa fase inicial, quer o aquecimento geral, quer o aquecimento articular. Este estilo de ensino esteve também presente ainda, numa fase inicial de lecionação da dança.

O estilo de ensino por Tarefa foi mais utilizado durante a parte principal das sessões, onde foram utilizados vários exercícios critério, estando eu mais disponível para circular pelas diversas estações e acompanhar individualmente as tarefas.

Quanto ao *feedback*, senti, que no início estava a dar muitos *feedbacks* avaliativos, na etapa de avaliação inicial, porém nas etapas seguintes diversifiquei bastante entre o demonstrativo, o verbal e o quinestésico. Contudo senti algumas dificuldades a fechar o ciclo de *feedback*, o que por vezes prejudicou alguns alunos.

Melhorei ainda ao nível do *feedback*, principalmente ao esperar para ver se o aluno volta a cometer o mesmo erro, ou se já entendeu o que lhe é pedido.

Ao nível do meu posicionamento e deslocamento pelo espaço, durante as duas primeiras etapas, existiam algumas falhas, como estar constantemente de costas para uma parte da turma, e andar sempre com as folhas que eram necessárias para a aula nas mãos. Contudo na terceira e quarta etapa consegui alterar estes problemas, sendo raras as vezes que dou *feedbacks* e explico os exercícios com folhas nas mãos, e quanto ao deslocamento consegui realizar de forma a nunca virar as costas aos alunos. De realçar que muitas vezes, me coloco num local bem situada do espaço, e consigo observar durante alguns instantes a turma, percebendo onde estão os focos de distúrbios, e quais são os alunos que mais necessitam da minha ajuda.

De realçar que a turma não é muito indisciplinada, tirando um ou dois alunos que por vezes ao saírem da tarefa, conseguem distrair os seus colegas.

No que diz respeito à diferenciação de ensino, na primeira etapa, não existiu visto que ainda estávamos em fase de avaliação inicial, posteriormente na segunda etapa, não consegui realizar bem a diferenciação de ensino, pois como tinha um número de matérias por aula muito elevado, não conseguia criar exercícios diferentes para cada matéria, e modifica-los para cada grupo de trabalho. Já na terceira etapa, consegui diferenciar mais os exercícios para cada grupo de nível. Na quarta etapa consegui dividir a turma pelos seus grupos homogêneos de forma correta e levar a que estes evoluíssem consoante as suas dificuldades.

A nível de comportamento, a turma no início do ano era bastante faladora, principalmente nos momentos de instrução, contudo no início da terceira etapa, passei a utilizar um método, de disposição da turma, que foi coloca-los em “U”, e desde esse momento consegui ter uma turma mais concentrada e menos desestabilizadora, não só no momento de instrução como passaram a ficar mais calmos nos momentos de prática também. Na quarta etapa dei continuidade a esta estratégia, que se demonstrou muito eficaz.

Em conclusão, o processo de condução da aula foi melhorando à medida que o tempo passou, muito pela decisão tomada em conjunto com o meu orientador de reduzir nas aulas de 45 minutos de três matérias para duas, e nas aulas de 90 minutos de quatro matérias para três durante a terceira etapa.

Na quarta etapa regressei ao registo inicial, verificando que com todos os pontos melhorados, consegui manter a turma calma e motivada na sua evolução.

A nível pessoal, senti que comecei a melhorar muito a partir do momento que realizei observação interpares com outras escolas, pois ao estar sozinho, não tinha perceção de alguns erros que cometia e sentia que não evoluía ao ritmo pretendido. Contudo após observar outros colegas percebi que estava a evoluir a um ritmo normal, e consegui identificar quais os momentos que mereciam mais a minha atenção durante a aula.

3.1.4 Semana a tempo inteiro

No decorrer do estágio pedagógico do mestrado de Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, foi-me solicitado a lecionação de uma semana a tempo inteiro, ou seja, com um horário completo. Para tal se suceder foi necessário trabalhar em cooperação com os meus colegas do grupo de educação física (GEF), que se disponibilizaram prontamente para me ajudar a que conseguisse realizar esta atividade, dando-me inteira responsabilidade para assumir a lecionação das aulas das suas turmas, bem como disponibilizando informações úteis para a realização das mesmas.

Assim sendo, ficou definido que lecionaria uma aula ao 5^a B, uma aula ao 6^a F, uma aula ao 10^o CT2 e uma ao 12^o CT3.

Sendo assim, farei um balanço sobre como decorreram as aulas durante esta semana.

No quadro abaixo será apresentado o horário completo da semana a tempo inteiro.

	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
08:15/09:45		9 ^o C			
10:05/11:35		9 ^o B		12 ^o	9 ^o C

11:45/13:15	5ºB	Direção de Turma			
13:15/14:15	Reunião com Orientador		Desporto Escolar		Desporto Escolar
15:15/16:45			10º CT4	9ºB	6ºF

Figura 2 Semana a Tempo Inteiro

A primeira aula, da semana a tempo inteiro, foi dada na escola EB 2/3 Maria Alberta Meneres, e foi lecionada ao 5ªB, turma composta por 25 alunos, onde abordamos as matérias de ginástica de solo e aptidão física. Esta aula teve a duração de 45 minutos.

Para iniciar, esta foi uma aula completamente diferente do que qualquer aula que lecionei até aqui, visto que nunca tinha trabalhado com alunos tao novos. Foi um desafio conseguir controlar a turma, pois os alunos apresentavam-se de uma forma eletrizante. Contudo após o aquecimento e após dividir a turma em grupos, já tendo identificado os alunos mais problemáticos, consegui manter a ordem na turma, fazendo com que todos realizassem os exercícios pedidos sem saírem da tarefa.

Os alunos demonstraram uma excelente capacidade para desenvolverem os exercícios da matéria de ginástica do solo, todos eles conseguiam realizar o rolamento a frente, por isso foi uma das estações que não me preocupei tanto em acompanhar. No entanto nunca tinha realizado a progressão para apoio fácil invertido pelo que necessitei estar mais focado nesta estação.

Após algum tempo de prática nas estações percebi que não tinha muito tempo para passar para a sequencia, e ao juntar todos de novo poderia perder a disciplina da turma então optei por não seguir o planeamento que tinha programado, tendo mantido os alunos nas estações por mais tempo, dificultando um pouco mais os exercícios, como retirar o plano inclinado nos rolamentos.

Em geral a aula correu como previsto, a exceção do exercício da sequencia, e senti que os alunos gostaram da aula e conseguiram concentrar-se no que estavam a fazer. Já a nível pessoal foi uma aula que me realizou bastante, pois o contato com alunos mais infantis, proporcionou-me momentos de prazer ao perceber que conseguia fazer com que eles gostassem do que estavam a praticar.

A segunda aula que lecionei na semana a tempo inteiro, a uma turma que não a minha foi ao 10ºCT2. Esta turma é constituída por 18 alunos, sendo que apenas 15 realizaram aula.

Esta aula foi muito semelhante as aulas que eu leciono no 9º C, visto que a diferença de idades não é muito grande, porém notei que a mentalidade dos alunos do 10º já é um pouco mais madura.

Nesta aula não necessitei de realizar apresentação, pois já tinha realizado duas aulas de substituição com a turma, pelo que iniciamos logo pela prática. As matérias abordadas foram futebol, andebol e aptidão física. A aula foi de 90 minutos.

Iniciei a aula com um aquecimento, passando logo para a parte da aptidão física. Posteriormente dividi a turma em dois grupo e metade realizou andebol e a outra metade futebol, depois trocaram a meio da aula.

Como já referi esta turma já me era conhecida, portanto em carater disciplinar mantiveram uma boa postura, sem se desconcentrarem dos exercícios que estavam a realizar. Foi um pouco difícil entenderem o primeiro exercício, porém apos alguns minutos de paragens e explicação acabaram por perceber e realiza-lo sem dificuldades.

Esta turma, demonstrou um nível superior à media na matéria de andebol, conseguindo acabar a fazer jogo 6x6, com eles, apesar de não estar planeado. Já no futebol existiam alguns elementos que eram mais fraquinhos, sendo que no final alguns realizaram jogo 3x3 e outro 5x5.

A aula acabou por ser tranquila, e deu para perceber que os alunos do secundário são mais recetivos ao que lhes é sugerido. Penso que entendem melhor a finalidade de todos os exercícios realizados e conseguem desenvolve-los com bastante seriedade.

O 12ºCT3, foi a terceira aula lecionada, é uma turma constituída por 14 alunos, no entanto apenas 8 apareceram para a aula. A aula foi de 90 minutos, e foi programa para as matérias de andebol, futebol e aptidão física.

Esta aula, foi a maior surpresa para mim até aqui, pois pensei que pudessem ser os alunos mais interessados e com mais vontade de realizar os exercícios, contudo passou-se ao contrário, com os alunos desinteressados, e sem vontade de praticar o que quer que fosse.

Assim no inicio da aula, e após o aquecimento perguntei-lhes que matéria preferiam praticar, ao que responderam futebol. Por eles não demonstrarem muito interesse na aula, e por serem poucos decidi aplicar primeiramente o futebol, para tentar cativa-los para a prática.

Depois de conseguir que estes realizassem o exercício inicial, com algum custo, passei para o jogo, onde realizei um 4x4, num espaço reduzido, aqui eles motivaram-se mais talvez por existir alguma competitividade entre eles, pelo que

decidi que quando se passa para a matéria de andebol iria colocar de parte o exercício inicial e passar logo para o jogo.

A nível pessoal esta foi a aula mais difícil de dar de toda a semana, e fiquei pouco entusiasmado com a ideia de existirem turmas que simplesmente não se interessam pela aprendizagem da disciplina, porém creio que com tempo e com mais aulas com estes alunos, iriam acabar por se soltar mais e interessarem-se mais pela disciplina e por todas as matérias abordadas nesta.

Esta foi a ultima aula da semana a tempo inteiro, e foi lecionada na sexta a tarde. A turma era constituída por 27 alunos, e todos realizaram aula. as matérias abordadas foram apenas andebol, pedido expresso da professora da turma.

A turma, apesar de barulhenta e acelerada, ficou bastante interessada por terem uma aula com um professor diferente, pelo que no inicio se demonstraram calmos e a tentaram perceber o que lhes era pedido.

Após o aquecimento, passamos para o primeiro exercício. Todos os alunos entenderam o que lhes era pedido e iniciaram a prática. Contudo ao fim de algum tempo começaram a sair da tarefa e a conversar muito uns com os outros. Aqui tive alguma culpa visto que demorei muito tempo a alterar o exercício e eles desinteressaram-se pois já tinham feito bastantes repetições do mesmo.

Quando passamos para o segundo exercício, os alunos acalmaram um pouco, devido ao facto de não terem entendido bem o que lhes era pedido. Assim resolvi voltar a chamar a turma e explicar-lhes através de um desenho no quadro. Após esta explicação os alunos ficaram elucidados e realizaram o exercício de uma forma bastante positiva, com empenho e a demonstrarem bastantes capacidades técnicas naquilo que lhes era pedido.

Para finalizar a aula, decidi realizar jogo 6x6, pois foi também um dos pedidos da professora, e fiz 4 equipas a jogarem ao bota-fora, jogos de 3 minutos.

Mais uma vez a nível pessoal foi uma aula muito cativante e realizadora, pelo que após esta semana devo afirmar que o 2/3 ciclo foi o que mais me seduziu para lecionar.

3.1.5 Aula ao primeiro ciclo

No âmbito do Estágio Pedagógico, foi-nos colocado ainda o desafio de lecionar uma aula ao primeiro ciclo.

Esta aula foi lecionada muito tempo após a semana a tempo inteiro, no entanto deu para ter uma perceção da diferença que existe entre os ciclos escolares.

A aula iniciou-se com uma breve apresentação minha, e de todos os alunos. A turma era constituída por 26 crianças do 1º ano.

Após a apresentação iniciei o aquecimento com mobilização articular. Progridi após alguns minutos para o jogo das paredes, jogo que ajuda os alunos a entenderem os números e serve de aquecimento cardiorrespiratório. Penso que não devia ter realizado este exercício logo no início, pois, os alunos ficaram muito excitados, e foi um pouco difícil de os controlar após isto, também porque de seguida introduzi o jogo da apanhada, que todos adoraram.

Findado o aquecimento passei para o objetivo da aula, que era drible de progressão e cambalhota. Após aplicar o exercício fiquei com a ideia de que devia ter separado as duas componentes de forma a que eles percebessem melhor o que lhes estava a ser pedido. Também perdi o controlo da turma pois deixei os alunos que não estavam em pratica de pé o que os fez vaguear um pouco pela sala, e desinteressarem-se pela tarefa. De forma a voltar a controla-los pedi-lhes que quem não estivesse a fazer se sentasse no chão o que acabou por ajudar.

Posto isto passei para o jogo lúdico, onde todos gostaram de participar pois era muito competitivo.

Finalizei a aula com um exercício muito calmo, onde em pares, um aluno pedia ao outro que o imitasse, mas tinha que ficar em estatua durante 10 segundos. Isto fez com que eles se acalmassem e realizassem alguns alongamentos, visto que a maioria pedia para o colega agarrar os pés, ou manter um pé levantado.

Para mim foi muito interessante lecionar esta aula, e muito desafiante, a um nível que não estava à espera. Ficou claro que de futuro irei procura dar aulas a alunos do 1º ciclo pois foi uma experiencia muito gratificante.

4. Projeto de Investigação Ação

4.1 Área 2- Inovação e Investigação Pedagógica

Este estudo surge no seguimento do estágio pedagógica, onde se pretende identificar um problema existente na escola, investiga-lo e posteriormente apresentar soluções de forma a encontrar soluções que ajudem a que o mesmo diminua.

Inicialmente, foi me sugerido que escolhesse outro NE, para realizar este estudo, devido a encontrar-me sozinho e ser difícil realiza-lo a solo. Após ter definido qual o NE com o que pretendia realizar a investigação, e a aceitação destes, tentei varias vezes contacta-los para iniciarmos o trabalho, algo que nunca sucedeu. Posto isto, foi-me aconselhado pelos orientadores que iniciasse o estudo com o apoio deles. Assim esta investigação ação foi realizada por mim com o apoio dos meus orientadores.

O objetivo do estudo, escolhido por mim, foi o de entender, como os alunos percecionam as suas aprendizagens na disciplina de educação física.

O estudo torna-se pertinente uma vez que no grupo de educação física, poucos são os professores que realizam avaliação formativa. Também no que diz respeito aos alunos, de uma forma geral, nunca tiveram contato com a avaliação formativa.

A avaliação é o processo que regula as aprendizagens, orienta o percurso escolar e certifica as diversas aquisições realizadas pelos alunos (Dec. Lei nº73/2004 de 26 de março).

Assim, a pergunta inicial idealizada foi a seguinte:

Como se caracterizam as percepções dos alunos sobre a sua aprendizagem?

Após a formulação desta pergunta, deu-se um momento de pesquisa bibliográfica sobre o tema em questão, que levou às seguintes descobertas.

A avaliação é assim um elemento importante e estruturante do processo de ensino-aprendizagem (Allal, 2010; BLACK, WILLIAM, 1998; Fernandes, 2006, 2009; Hattie, 2009, cit. por Roldão e Ferro, 2015), constituindo uma das fases fundamentais do desenvolvimento curricular. Assim, é extremamente importante que se construam práticas avaliativas coerentes, que possibilitem a utilização da avaliação como suporte de todas as decisões tomadas no âmbito do ensino e da aprendizagem (Araújo, 2007).

O que diferencia Avaliação Sumativa de Avaliação Formativa, é que segundo Araújo (2015) citando (Brookhart, 2001; Wiliam, 2006; Bell, 2007), usar a avaliação para desenvolver e melhorar o processo ensino-aprendizagem é fazê-lo com um propósito formativo. Pelo contrário, usar a avaliação para expressar ou tomar decisões sobre o resultado final de um processo de aprendizagem é fazê-lo com um propósito sumativo.

De seguida criei um questionário, questionário este, construído, por mim, na Faculdade de Motricidade Humana, baseando-se numa metodologia de construção de dois questionários: Self- Description Questionnaire (SDQ I), adaptado de Faria e Fontaine (1990); e o Questionário de atitudes dos alunos do ensino secundário face à disciplina de Educação Física, aplicado por alunos da unidade curricular de Desenvolvimento Curricular em Educação Física e Desporto.

Após a aplicação do questionário, e do seu estudo e com base na investigação realizada, consegui encontrar várias conclusões.

Com base na análise dos resultados, conclui que os alunos acreditam que a avaliação formativa é um processo bastante importante. É de notar que a maioria dos alunos já esteve em contato com este processo de avaliação, e que acredita ser

benéfico para o seu desempenho e melhoria nas matérias lecionadas na disciplina de educação física.

Ficou também claro, que a utilização de fichas de avaliação formativa, deve ser mais vez implementada pelos professores, pois muitos alunos pensam que é a melhor forma de realizar a avaliação formativa. Ficou esclarecido, também, que apenas 50% dos alunos já estiveram em contato com esse tipo de avaliação formativa, o que me leva a crer que nem todos os professores de educação física tem utilizado este tipo de avaliação com os seus alunos.

Consegui ainda, descortinar que os alunos preferem que exista um contato com o docente a quando da realização da avaliação formativa. Isto porque se a avaliação decorrer através das fichas de avaliação formativa, muitos dos alunos não iram perceber sozinhos quais as suas falhas e como é que as podem melhorar.

Para finalizar, com a análise destes inquéritos, e com o estudo feito através de informações já existentes sobre a avaliação formativa, penso que é seguro concluir, que este tipo de avaliação deve ser colocado em pratica por todos os docentes de educação física, pois beneficiara os seus alunos, dando lhes uma perceção do que necessitam realizar para alcançarem a nota que desejam na disciplina. Afirmar ainda, que os próprios alunos sentem que este tipo de avaliação, irá ajuda-los a melhorar, e será um ponto importante no decorrer do ano letivo.

5. Participação na Comunidade Escolar

5.1 Área 3- Desporto Escolar

No âmbito do estágio pedagógico, o acompanhamento de um núcleo de desporto escolar encontra-se inserido na área 3 das áreas de intervenção pedagógica, com o intuito de enquanto professor estagiário em formação, desenvolver competências no âmbito da cooperação, organização e acompanhamento de uma equipa.

O desporto escolar (DE) aparece como uma oferta que as escolas têm como estratégia de combate ao insucesso e abandono escolar, promovendo a inclusão dos alunos. Este tem ainda o intuito de promover nos alunos hábitos de vida saudável e uma formação integral em idade escolar através da prática de atividades físicas e desportivas, contribuindo ainda para o desenvolvimento do desportivo a nível nacional.

A escola secundária de Mem-Martins, enquanto escola sede no agrupamento de escolas de Mem-Martins, tem como oferta do desporto escolar para o presente ano letivo os núcleos de andebol, badminton, voleibol, futsal, enquanto, a escola básica 2,3

Maria Alberta Menéres (MAM) inserida no mesmo agrupamento oferece as modalidades de basquetebol, ginástica e orientação.

A opção pela orientação, recaiu devido ao meu contato com a modalidade, na licenciatura, que me deixou bastante interessado em aprender mais sobre ela, e ensiná-la a quem ainda não a conhece. É também uma modalidade que posso vir a desenvolver na minha terra natal (Guarda), pois o terreno onde é praticada (Florestas/Matas) é muito abundante por lá.

Assim, e em concordância com a competência descrita no guia de estágio 2016/2017 relativa ao acompanhamento de um professor responsável por um núcleo de desporto escolar, foi tomada a opção de coadjuvar a professora Sandra Florentino no núcleo de orientação.

Sendo um núcleo novo será necessária a inscrição de 10 atletas, número que é exetável ser facilmente alcançado, tendo em conta a faixa etária dos alunos da escola e a divulgação da modalidade na mesma, sendo esperado que nenhum aluno tenha tido qualquer contacto anterior com a modalidade. O núcleo será então acompanhado por 2 professor, uma professora com larga experiência na modalidade especifica e um professor com experiencia em desportos da natureza onde a orientação esta integrada.

Os treinos realizam-se duas vezes por semana e têm a duração de 45 e 90 minutos. A estruturação deste horário foi realizada apostando fortemente na presença e participação do maior número de alunos possível, assim, o horário do treino não coincide com o período de aulas.

Seguidamente apresenta-se o horário oficial dos treinos:

Núcleo de Orientação	Disciplina lecionada	Componentes	Dia da semana	Hora
Professora responsável Sandra Florentino	Educação física	Navegação	4 ^a	12h30
			Feira	– 14h 15
Professor Fábio Gomes	Educação física	Física	6 ^a	13h30
			Feira	–14h 15

Figura 3 Horário dos Treinos de Orientação

Os treinos realizam-se na escola MAM, sendo executado um trabalho específico em cada um dos espaços da escola consoante o *roulement*, estando sempre disponível o espaço exterior dos pavilhões.

Estão disponíveis para o contexto três espaços, pavilhão, ginásio e campo exterior.

As verbas disponíveis para o núcleo são abrangidas pelo orçamento dispensado para o DE pelo ministério da educação. Estas são utilizadas essencialmente para o transporte dos alunos para os torneios, através da contratação de uma empresa privada destinada para o efeito.

Como tal, à partida não se preveem limitações de participação causadas por este fator.

Todos os recursos financeiros serão transmitidos aos coordenadores do DE, que farão a gestão dos mesmos.

De acordo com o 10º artigo respeitante ao desenvolvimento do DE presente no regime jurídico da EF e do DE decreto-lei nº 95/91 de 26 de fevereiro, o trabalho do grupo/equipa de Orientação será primordialmente desenvolvido a dois níveis: No primeiro nível, através de um quadro de atividades formativas e recreativas sistemáticas, integrando o treino e a competição, processadas de acordo com horário semanal e especificadas num plano e programa anual integrado no plano de atividades da escola; No segundo nível, através da participação da escola nos diversos quadros competitivos a nível local, regional ou nacional, organizados segundo a iniciativa e regulamentos, respetivamente, das escolas, das direções regionais de educação e da direção geral dos ensinos básico e secundário.

À semelhança do regulamento interno da escola, as atividades de complemento curricular, nas quais se insere o núcleo de orientação, são orientadas de acordo com os seguintes objetivos específicos: elaborar o planeamento, condução e avaliação das atividades de treino em coadjuvação com a professora responsável pelo núcleo, Sandra Florentino; promover a realização pessoal e comunitária dos alunos através do desenvolvimento da personalidade, da formação de caráter geral e da cidadania, e de um equilibrado desenvolvimento físico; organizar atividades não curriculares, de âmbito local, regional ou nacional, diretamente orientadas para o enriquecimento cultural cívico, para a EF e desportiva e para a inserção dos alunos na comunidade; desenvolver atividades facultativas, de caráter eminentemente lúdico e cultural que visarão a utilização criativa e formativa dos tempos livres dos alunos e serão desenvolvidas para além do tempo letivo dos alunos; promover a autonomia pela atribuição, reconhecimento e exigência das responsabilidades que podem ser assumidas pelos praticantes; desenvolver as competências técnico-táticas dos participantes no núcleo não só do ponto de vista da

Educação Física enquanto matéria nuclear, mas também – e fundamentalmente – para a preparação dos alunos.

No início do ano letivo a preocupação que eu e a professora Sandra Florentino, professora responsável pelo núcleo de Orientação, tivemos foi o de promoção do núcleo de forma a alcançar um número solido de atletas. Inicialmente tivemos a adesão de 20 alunos, porém com o desenrolar do tempo alguns foram saindo, principalmente por as provas terem acabado no final do 2º Período. No final do ano tínhamos apenas 10 alunos assíduos e 3 que apareciam de vez em quando.

Nos primeiros treinos tive um comportamento mais passivo, também porque nunca tive muito contato com a modalidade e para perceber como é que se processavam os treinos. Assim inicialmente os treinos foram programados e conduzidos pela professora Sandra. Posteriormente e já com alguma prática comecei a ajudar a professora a planear o que iríamos realizar em cada treino, e a conduzir os treinos com ela.

Nesta modalidade não é criado um planeamento pois passa muito por treinos de repetição, onde com diferentes mapas os alunos têm de realizar o percurso. Existiu sim uma variação dos mapas e daquilo que os alunos tinham de descobrir, deixando por vezes de ser pontos, para serem ou questões às quais eles tinham de responder, ou até imagens que espalhávamos pela escola, (ex: animais, *pokemons*, etc).

Neste grupo existem poucas provas (3), ao longo do ano, pois os como é um grupo ainda novo os alunos nunca passam ao nacional, porém como existem poucos núcleos de Orientação a nível do distrito, não existe provas a nível regional, mas sim distrital, pelo que dificulta ainda mais a passagem a uma fase seguinte dos nossos alunos, e até mesmo a que estes alcancem bons resultados.

As três provas decorreram então em 3 escolas do distrito, sendo a primeira prova em Torres Vedras, dia 21 de janeiro, onde tivemos a participação de 8 alunos, apenas dois participando em provas individuais, os restantes competiram na prova *open*, em grupos de 3.

A segunda prova realizou-se dia 18 de fevereiro, em Palmela. Nesta prova tivemos uma maior adesão tendo levado 11 alunos. Aqui tivemos também mais alunos a participarem sozinhos, sendo que apenas 3 realizaram o *Open*.

Na terceira prova, que se realizou a 18 de março, tivemos o mesmo numero de alunos a participar, sendo que apenas 2 realizaram o *open*, todos os outros fizeram a prova sozinhos. De realçar que nesta prova obtivemos um primeiro lugar nos infantis masculinos.

Relativamente à evolução dos alunos, pode verificar que foram melhorando ao longo das aulas, tendo a maioria ficado muito entusiasmado com a modalidade e afirmado que regressariam para o próximo ano.

5.2 Prova de Foto-Orientação

A prova de Foto-Orientação, foi uma ideia conseguida por mim, e sugerida ao grupo de educação física.

Esta prova foi realizada pela primeira vez na escola secundaria de Mem Martins, e visto esta não ter um percurso de orientação marcado, pensei em criar um mapa a partir de fotos de locais da escola. Assim a prova decorreu com um mapa, identificativo de vários locais da escola, que cada grupo de alunos teria de identificar, e deslocar-se a esse local, tirando lá uma foto (“*selfie*”), que identificasse o local exatamente como estava no mapa.

A distribuição das tarefas por cada professor foi realizada numa reunião de grupo, onde se distribuíram oito professores por as tarefas necessárias. Dois professores ficaram com as partidas e chegadas dos alunos do 9º ano; dois professores nas partidas e chegadas do 10ª ano; dois professores nas partidas e chegadas do 11ª e 12ª ano; um professor a tirar fotos da prova; um professor que adquiriu as medalhas que foram posteriormente entregas aos vencedores.

Os docentes que se encontravam nas partidas e chegadas, estavam encarregues de entregar os mapas a cada grupo, e anotar a hora de saída e de chegada.

A prova decorreu como previsto, tendo uma aderência considerável, visto que era a primeira vez que existia esta atividade na escola. De realçar que foi bastante estimulante a nível pessoal, organizar todos os componentes ligado a atividade, e verificar que tudo correu como o esperado.

6. Relação com a Comunidade

6.1 Acompanhamento da direção de turma

A área 4 foca-se na coordenação e direção de turma. Esta área está ligada aos problemas identificados ao longo do ano com a turma e a relação com a comunidade.

No decorrer do ano desenvolvi um trabalho na coordenação da turma, assistindo a diretora de turma, Celeste Mendes, em todos os processos a ela associados, desde reuniões com o conselho de turma e reuniões com os encarregados de educação, até à marcação de faltas, ao redigir atas e outros documentos necessários para identificar e procurar soluções para os problemas detetados ao longo do ano.

Para além do trabalho burocrático, a que esta tarefa está associada, estive também presente na relação mantida com os encarregados de educação, quer quando estes se deslocavam à escola, assim como quando era necessário contatá-los por outros meios.

A nível burocrático tive de lidar com o processo do NES, que existia na turma, onde tivemos de preencher uma ficha explicando como ele se estava a entrosar com a turma, visto ser repetente, e se ele estava a acompanhar com sucesso todas as matérias de cada disciplina.

Também por mim passou o processo de MRI (medida de recuperação interna, para alunos que ultrapassaram as faltas limites), onde tive de falar com os meus colegas de cada disciplina pedindo-lhes que aplicassem esta medida. Neste processo conseguimos recuperar quatro alunos que já tinham ultrapassado o limite de faltas a varias disciplinas, contudo existiu uma aluna que ficou em retenção devido a não ter cumprido a medida de recuperação.

No que diz respeito ao *moodle* da turma, também foi controlado por mim, pois a professora nunca tinha usado esta aplicação.

Já na relação com os encarregados de educação estive presente nas três reuniões com os encarregados de educação, sendo que na segunda realizei uma pequena apresentação sociométrica da turma.

Também estive sempre presente na receção aos encarregados de educação, ao longo do ano, no horário de atendimento. Nestas pequenas reuniões dei sempre o meu contributo, com propostas de solução para alguns alunos, que necessitavam de serem chamados a atenção quer por comportamento ou por pouco empenho nas aulas. Também soube reconhecer quando elogiar um aluno por melhorar numa destas áreas ou mesmo por ter sido um aluno cumpridor desde o início.

Ainda acompanhei a turma em duas visitas de estudo.

Para finalizar, creio que o meu contributo para com a coordenação de turma foi bastante positivo, tendo me empenhado e trabalhado autonomamente nesta área. Penso que com esta experiencia adquiri todos os conhecimentos que preciso para no futuro desempenhar de forma eficaz o papel de diretor de turma.

7. Conclusão

Tanto a experiência do processo de estágio como a concretização do presente relatório, que culminam o mestrado em Ensino da EF nos Ensinos Básico e Secundário, produzem o maior momento de aprendizagem da minha formação. A experiência vivida no decorrer do ano letivo de estágio pedagógico, pela aplicação prática de todos os saberes adquiridos na licenciatura e primeiro ano de mestrado e

o relatório de estágio, pela reflexão sobre todas as funções desempenhadas no decorrer do estágio.

Dando exemplos de investimento como o conhecimento pedagógico dos conteúdos das matérias presentes no currículo da disciplina através da realização de estudo autónomo, participação em ações de formação ou mesmo contato com outros profissionais de modo a melhorar gradualmente. Onofre (2003, p.55) afirma que “o conhecimento realmente valorizado pelo professor é aquele que ele reconhece permitir-lhe resolver os problemas concretos com que se vai confrontando ao longo da sua vida profissional – o conhecimento prático”.

Ao longo do processo de estágio pedagógico deparei-me com varias dificuldades para cumprir todas as competências necessárias para desempenhar a função de professor de EF. De forma a superar as dificuldades que foram aparecendo utilizei várias estratégias, tendo sempre a orientação dos meus orientadores, como por exemplo a observação e análise dos professores mais experientes do NEF e a observação de aulas dos meus colegas de outros NE. Também as conferências pós-aula, tiveram um papel muito importante no meu desenvolvimento, a realização de autoscopias e também não menos importante a reflexão que eu fiz em todas as ações que realizei enquanto docente. Através destes momentos de reflexão que fui realizando, sustentadas por uma supervisão pedagógica de qualidade, possibilitou-me entender quais as minhas verdadeiras necessidades formativas para superar os problemas com que me fui deparando.

Apesar de verificar uma grande evolução ao longo do estágio pedagógico, julgo que ainda tenho diversas competências para desenvolver ao longo da minha carreira como professor, assim como, o conhecimento pedagógico do conteúdo de algumas matérias, nomeadamente na dança e no atletismo, assim como a aplicação e variação dos diferentes estilos de ensino.

A nível da investigação-ação e da inovação pedagógica, acredito que toda a comunidade escolar deveria se focar com mais ênfase em desenvolver projetos, para conseguir colmatar problemas evidenciados dentro da comunidade escolar, e deste modo criar uma constante renovação dentro do contexto escolar. Só assim se pode considerar um contexto escolar diferenciador.

No que respeita a área da participação na escola, e particularmente no desporto escolar, apesar de ter sido uma experiência bastante enriquecedora para o meu currículo, penso que deviam existir mais momentos de competição, pois muitos dos alunos que iniciaram os treinos foram desistindo ao longo do tempo, visto que andavam a treinar e nunca colocavam os seus conhecimentos em prática. Contudo a

partir do segundo semestre, existiram três momentos de competição o que levou a que os alunos se motivassem mais durante os treinos, e estivessem mais presentes durante os momentos de treino.

No que diz respeito à dinâmica dos treinos, eram bastante interessantes e motivadoras para os alunos, derivado a termos criado um percurso escolar, que motiva os alunos a tentarem superar-se uns aos outros.

De futuro, penso que de forma a evoluir o meu contributo a nível da área da participação na escola, posso elaborar outras atividades diferenciadoras, através das experiências adquiridas durante o ano de estágio, bem como o conhecimento de outras atividades diferenciadoras na comunidade escolar.

A área da direção de turma, foi a área onde consegui desenvolver-me melhor enquanto docente. O apoio que me foi dado pela diretora de turma, foi bastante enriquecedor, e me ofereceu todas as condições para desempenhar estas funções, de uma forma sustentada e completa. Sinto que neste momento se tivesse de desempenhar este papel teria todas as condições para o realizar com distinção. Através desta minha experiência percebi que o diretor de turma, para além de professor, é também um educador, procurando orientar os alunos nas suas escolhas e no seu percurso escolar e sendo um exemplo de cidadão e de um profissional responsável e competente

Do exposto anteriormente, falta-me apenas referir, que a realização do estágio pedagógico individualmente, é uma experiência bastante enriquecedora, contudo é algo bastante difícil de se realizar, pois não existe ninguém que esteja na mesma situação, (estagiário), com quem consigas discutir as tuas dificuldades e que te possa dar alguma noção do que deves melhorar a nível de lecionação. É também extremamente difícil envolveres-te na comunidade escolar, sendo o único a realizar este tipo de trabalho. Posto isto, o apoio do meu orientador de escola, foi bastante importante, pois acompanhou-me em todos os momentos, muitas vezes tendo de perder o seu tempo pessoal para me ajudar a perceber todos os momentos em que surgiam dificuldades da minha parte.

Concluindo, deste estágio pedagógico para além das competências que fui adquirindo e das funções desempenhadas, penso que a capacidade de trabalho colaborativo e cooperativo, capacidade autocrítica, necessidade de superação e reflexão, são fatores que devem estar sempre presentes na consciencialização do professor de EF.

8. Bibliografia

Araújo, F. (2007). A avaliação e a gestão curricular em Educação Física—um olhar integrado. *Boletim SPEF*, 32, 121-133.

Araújo, F. (2015). A avaliação formativa e o seu impacto na melhoria da aprendizagem. Dissertação de Doutoramento.

Carreiro da Costa, F. (1996). Formação de professores: objetivos, conteúdos e estratégias. In F.

Carreiro da Costa, L. Carvalho, M. Onofre, J. Diniz & C. Pestana (Eds.) *Formação de professores em Educação Física. Conceções, investigação, prática* (pp.9-36). Cruz Quebrada: Edições FMH.

Carvalho, L; Martinez, C. (2005). AVALIAÇÃO FORMATIVA: A AUTO-AVALIAÇÃO DO ALUNO E A AUTOFORMAÇÃO DE PROFESSORES

Comédias, J. (2012). *A Avaliação Autêntica em Educação Física—O Problema dos Jogos Desportivos Colectivos* (Doctoral dissertation, Tese de Doutoramento, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias).

Costa, J., Onofre, M., Martins, M., Marques, A., & Martins, J. (2013). A relação do trabalho coletivo do grupo de Educação Física com a gestão da ecologia da aula. *Boletim Sociedade Portuguesa de Educação Física*, 37, 61-80.

Jacinto, J., Comédias, J., Mira, J., & Carvalho, L. (2001). Programa Nacional de Educação Física-Ensino Básico 3º Ciclo. *Ministério da Educação*.

Morais, T., Matias, P.; Gonçalves, L; Sampaio, R. (2016). A perceção dos Alunos sobre o trabalho colaborativo dos Professores nas Comunidades de Aprendizagem e Desenvolvimento Profissional

Onofre, M. (2003). Das características do conhecimento prático dos professores de educação física às práticas da sua formação inicial. *Boletim SPEF*, 26, 27, (pp. 55-67).

Rosado, A. (2003). Conceitos básicos sobre planificação didáctica. In V. Ferreira (Ed.). *Pedagogia do desporto: Estudos 7* (pp. 27-48). Cruz Quebrada: Edições FMH.